

O QUARTO PODER VERMELHO: EMBATES TEÓRICOS E POLÍTICO- IDEOLÓGICOS ENTRE ANARQUISTAS E COMUNISTAS NOS JORNAIS *A PLEBE* E *VOZ COSMOPOLITA* (1917-1927)

Maitê Peixoto
Mestre em História do Brasil (PUCRS)
E-mail: maitepeixoto@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo propõe à comunidade acadêmica uma breve análise sobre o conteúdo dos textos impressos na mídia libertária de São Paulo e do Rio de Janeiro, respectivamente através dos jornais *A Plebe* e *Voz Cosmopolita*, ambos articulados entre os anos de 1917 a 1927, adjacentes ao cenário de formação do Partido Comunista do Brasil (PCB). Através do estudo dessas publicações, que contavam com a colaboração de lideranças do movimento ácrata e fundadores do PC do Brasil, procura-se compreender de que forma a imprensa operária estruturou seu discurso político, bem como verificar a base ideológica que norteou esse processo.

Palavras-Chave: Imprensa, Anarquismo, Comunismo.

Quando nos colocamos na categoria de profissionais voltados à análise do passado temos de manter sempre presente em nossas mentes a idéia de que a história é feita pela ação dos indivíduos e, para que possamos compreendê-la é, sobretudo, necessário revisitá-la com um olhar crítico e de profundidade, que tencione perceber o papel dos sujeitos históricos envolvidos em determinado processo; seja este de caráter econômico, social, cultural, ou ainda, composto pelo amálgama desses fatores. Sustentando esse comprometimento com o objeto analisado nos aproximamos das motivações que suscitam avanços e recuos, contestações e acomodações, geradas em um momento histórico particular pela ação dos indivíduos.

Em vista disso, procuro, neste pequeno artigo, identificar na ação de militantes anarquistas e comunistas as matrizes ideológicas que fundamentaram, não raras vezes, seu discurso impresso e permearam suas iniciativas políticas dentro da sociedade brasileira. Tal estudo tem sua delimitação espacial concentrada, particularmente, no eixo São Paulo – Rio de Janeiro, de onde os jornais analisados são originários compreendendo os anos de 1917 a 1927.

Para que os questionamentos levantados a partir do *corpus documental* que envolve esse trabalho fossem sanados de forma satisfatória, se optou por utilizar como método de pesquisa a *análise de conteúdo**. Levando-se em conta, que o objetivo central desta pesquisa é reconhecer, dentro dos textos políticos impressos em *A Plebe* e em *Voz Cosmopolita*, os princípios ideológicos que nortearam (se é que de fato o fizeram), as ações dos militantes envolvidos nessas publicações, concluímos que esta seria a metodologia mais apropriada; pois ainda que o volume de material seja relativamente grande, e assim o é, uma “análise textual qualitativa” estaria adequada tanto à sugestão de inferências sobre as fontes através de suas características textuais quanto à compreensão dos textos através de seu sentido manifesto.

Ainda que baseada fundamentalmente sobre fontes derivadas da imprensa operária este estudo necessita da análise de outras esferas sociais e políticas da sociedade brasileira que condicionaram de alguma forma o surgimento dessas publicações ou seu conteúdo. No intuito de tornar esta temática inteligível ao leitor partimos da exposição do contexto de onde surgiram nossos personagens e onde se desenrolaram suas primeiras ações, num viés já marcado por iniciativas coletivas imbricadas num cenário politicamente desfavorável.

Em se tratando de operariado brasileiro representativo das duas primeiras décadas do século XX é importante mencionar que a maior parte de suas atividades estarão impreterivelmente marcadas pelo cenário político internacional e seus últimos acontecimentos. Não seria demais lembrar alguns fatos que estiveram presentes na tentativa de conformação ideológica de grupos operários brasileiros. A primeira guerra mundial e o clima de hostilidades instaurado entre os países beligerantes ao seu término e, a revolução russa tanto de fevereiro quanto de outubro de 1917, foram dois desses eventos que estamparam diversos números de jornais anarquistas e comunistas no Brasil. O que se pretende aqui é perpassar o fato de que opiniões sobre esses acontecimentos foram expressas, e alcançar o conjunto desses conteúdos os entendendo como expressão de um núcleo orgânico composto por teoria e prática.

* Como referencial teórico-metodológico é nosso dever apontar que a *análise de conteúdo* ou *análise textual qualitativa* é utilizada nesta pesquisa como técnica analítica de fontes primárias no sentido desenvolvido pela professora-assistente de Psicologia na Universidade de Paris V, Laurence Bardin, e muito bem explorado pela Prof^a. Dra. Núncia Santoro Constantino em seus trabalhos sobre teoria da História e oralidade.

Outro elemento em que se pauta esta análise é a forma de organização que esses militantes encontraram para legitimar suas ações. Como inúmeros estudos já revelaram, o operariado brasileiro começou a se ver como coletividade munida de alguns interesses em comum a partir da ação sindical. Nos pólos econômicos do país, tais como São Paulo e Rio de Janeiro, a atividade desses grupos sindicais se afirmava através de congressos que envolviam representantes de diversas localidades do país, que encontravam nessa forma de atuação uma alternativa segura de ampliar seus direitos políticos e sociais.

Ocorre que a estrutura dos sindicatos era formada por indivíduos oriundos das mais diversas variações ideológicas e que, não raras vezes, sequer se reconheciam plenamente enquanto tais. Essa característica foi pertinente não só no processo de estruturação sindical, como também com o afluxo de imigrantes que, vindos da Europa, emanavam o espírito libertário sem maiores embasamentos teóricos. Por todas essas razões não há como buscar homogeneidade ideológica no movimento operário representativo da primeira década do século XX; entretanto, as diversificações teóricas, como bem apontou Leandro Konder, “se estabeleciam, majoritariamente, dentro dos princípios ácratas, pois conjugados à prática tornavam possível a obtenção de vitórias ainda que restritas” (KONDER, 1988:84).

Além disso, o marxismo possuía um nível de abstração conceitual praticamente inatingível para grande parte dos militantes brasileiros nesse início de século, excluindo-se o fato de que as obras de Marx só chegam ao Brasil, e ainda assim com traduções simplificadoras e vulgarizadas, alguns anos mais tarde, principalmente pela interação do Partido Comunista do Brasil (PCB) com o PC Argentino, ou pela ação de ambos através da Internacional Comunista.

Paralelo à dificuldade de afirmação de inúmeras ideologias pouco aprofundadas dentro do movimento operário brasileiro, há também que se levar em conta a constituição sócio-cultural de seus membros. A diversificação étnica e lingüística era outro empecilho para a conformação de uma estrutura política unitária, elementos culturais confundiam-se na organização sindical e dificultavam a convergência de interesses dentro das assembléias. Em decorrência da diversificação cultural dos militantes nesse contexto, somado às dificuldades de organização e comunicação num território tão amplo quanto o Brasil, fica evidente a razão pela qual houve a apropriação primeira do anarquismo; pela facilidade que o mesmo incorpora à luta pela obtenção da qualidade de vida individual. Num organismo em que os interesses sociais e econômicos são

distintos entre seus filiados, é praticamente impossível impor uma doutrina única, pois esta não encontrará ressonância entre os que tenciona atingir.

Por todas as dificuldades encontradas em nível de organização interna, sendo, por isso, praticamente impossível enfrentar diretamente o poder repressivo estatal, a decisão pela adoção de princípios estratégicos de ação anarquista preponderou no início do século XX no Brasil. Fruto deste contexto de agitações e de condições políticas desfavoráveis surge *A Plebe* no ano de 1917. *A Plebe* foi um periódico dirigido por Edgard Leuenroth, jornalista e gráfico paulista que se destacou pela militância aguerrida dentro das organizações operárias de caráter anarquista. Leuenroth tinha uma preocupação especial em registrar e armazenar grande parte do material panfletário desses organismos operários no cuidado pelo resguardo da memória e da história do movimento operário brasileiro. Segundo a professora Yara Maria Aun Khoury:

A prática anarco-sindicalista, pensada, vivida, narrada e organizada, forjada enfim, por Edgard Leuenroth e seu grupo, na busca de compreensão e de afirmação da própria identidade no embate das forças sociais, manifesta-se como valores, como imagens, como arte, como trabalho, como tradição; transforma-se em jornais, revistas, livros, folhetos, folhetins, panfletos, manifestos, crônicas, poesias, canções, peças-teatrais, fotos, cartões postais, selos comemorativos, etc., constituindo-se no registro dessa experiência. Entre esses registros, o jornal é um dos mais expressivos. Todas as tendências dentro do movimento usam-no como portador de suas propostas, como veículo de suas resistências, como meio e educação e informação do trabalhador. Boa parte do jogo de interesses que permeia as questões do trabalho, da classe trabalhadora e de seu movimento, passa pelo debate na própria imprensa (1988:31-32).

Certamente *A Plebe* foi, não só um veículo de resistência, como também abriu espaço à apresentação de propostas das mais diversas tendências políticas representativas da classe trabalhadora. O grupo a que Khoury se refere inclui tanto anarquistas como Everardo Dias e Benjamin Mota, como também àqueles que a partir da década de 1920 optaram pelo socialismo, como foi o caso de Astrojildo Pereira e Octávio Brandão.

O ano de 1919 marcou as páginas de *A Plebe* pela fundação Partido Comunista do Brasil (de caráter libertário) em São Paulo sob de liderança de Edgard Leuenroth e Antonio Duarte Candeias. Alguns meses antes fora fundado o PC do Rio de Janeiro, também ácrata, as iniciativas nos permitem inferir que com a ampliação dos organismos coletivos que congregavam militantes

operários por todo o país criou-se a necessidade de uma organização mais coesa, unitária; capaz de estabelecer contatos mais profícuos entre os organismos de outras localidades do país, já que a troca de material político e as convocações para assembléias estabeleciam uma relação entre essas organizações, ainda que remota. A notícia sobre a fundação do Partido Comunista do Brasil em São Paulo foi apresentada nas páginas de *A Plebe* nos seguintes termos:

O operariado desta capital orientado pelas novas correntes de idéias procura dar ao problema social uma solução, se não definitiva, ao menos encaminhal-a a estabelecer a igualdade econômica e política, socializando a riqueza social e suprimindo o Estado, além de reorganizar a sociedade sob os princípios libertários.

Neste sentido, realizaram-se duas reuniões dos elementos avançados, ficando já elaborado e aprovado o programma de acção e a declaração de princípios do novo partido (Partido Comunista do Brasil) (*A Plebe*, 1919:4).

O PC libertário surge como alternativa organizada e coesa para fomentar a revolução no Brasil, já que as notícias vindas da Rússia chegavam ao Brasil mergulhadas num clima de entusiasmo frente às mudanças estruturais do sistema e às conquistas obtidas pela classe trabalhadora. A partir daí, os comícios comemorativos e as conferências organizadas por essas lideranças tomam maiores proporções e agregam maior número de simpatizantes. Entretanto, em 1919 se dá o empastelamento do jornal *A Plebe* pelos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo. Insatisfeitos com algumas posturas expressas no periódico eles decidem destruir as sedes que contavam com a gráfica e a redação e a publicação que tinha sua tiragem praticamente semanal silencia por meses.

Entre os anos 1920 e 1921 os desentendimentos entre anarquistas e comunistas aumentam; os últimos fortalecidos pela revolução russa se organizam em torno de seu próprio partido fundado em março de 1922. Contando com seus nove fundadores* e inaugurado como a “vanguarda do proletariado brasileiro” o Partido Comunista do Brasil - Seção Brasileira da Internacional

* São eles: o jornalista carioca Astrojildo Pereira, Manuel Cendon, Joaquim Barbosa, João da Costa Pimenta, Luís Peres, José Elias da Silva, Hermogêneo Silva, o gaúcho Abílio de Nequete e Cristiano Cordeiro, Cf. PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão: a revolução mundial e o Brasil 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. passim.

Comunista** lança sua plataforma de lutas filiada ao que, de acordo com suas próprias construções teóricas, chamou de *bolchevismo* e que consistia na forma que esses indivíduos encontraram para se definirem ideologicamente como herdeiros da tradição revolucionária russa. Neste mesmo ano surge no Rio de Janeiro o jornal *Voz Cosmopolita*, órgão do Sindicato em Hotéis, Bares e Restaurantes do Rio de Janeiro que se filia em 1922 ao Partido Comunista do Brasil (PCB). Com tiragem quinzenal o periódico se apresenta como continuidade ao que se vinha publicando em *O Cosmopolita*, cuja origem remonta ao ano de 1917, e traz em seus editoriais, além das reivindicações imediatas da categoria, textos marcados pela construção de uma identidade político-ideológica.

Retomando o trabalho que vinha sendo desenvolvido em *O Cosmopolita*, o jornal *Voz Cosmopolita* inicia suas publicações como um veículo de mobilização e propaganda anarquista. Lideranças políticas tais como: Astrojildo Pereira* e Octávio Brandão** contribuíam com textos e comentários acerca do movimento operário e sua realidade de lutas e conquistas. Fortemente influenciados pelo pensamento anarquista, mas já demonstrando certo distanciamento teórico e prático, esses militantes expressam nas páginas do *Voz Cosmopolita* seus anseios, dúvidas e conflitos.

Outro ponto essencial a ser levado em consideração quando trabalhamos com jornais operários deste período, é que os indivíduos engajados nas organizações que administravam a produção e circulação desses jornais buscavam a legitimidade enquanto movimento representativo dos trabalhadores. Coesão e unidade eram palavras de ordem nesse momento, já que os militantes engajados no sindicato vislumbravam na organização de suas ações o sucesso na conquista de direitos. Além disso, a própria busca por legitimidade como organismo representativo conforma

** Nos dias 25, 26 e 27 de março de 1922 é fundado no Rio de Janeiro o Partido Comunista - Seção Brasileira da Internacional Comunista, futuro PCB, mesmo tendo homologada sua filiação à Internacional Comunista somente em 1924, o partido já se coloca como herdeiro direto da tradição socialista revolucionária russa, como forma de se associar ideologicamente à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

* Astrojildo Pereira Duarte da Silva: jornalista nascido em Rio Bonito, no Rio de Janeiro, que teve participação ativa e destacada no movimento operário brasileiro; seja contribuindo na coordenação de revistas e periódicos anarquistas e, posteriormente, socialistas, seja por sua atividade prática como militante e dirigente do Partido Comunista do Brasil (PCB).

** Octávio Brandão Rego: farmacêutico nascido em Viçosa, no estado de Alagoas; atuou como militante no movimento anarquista e, posteriormente, como militante socialista dentro do Partido Comunista do Brasil (PCB); dedicou sua vida à militância política em prol do comunismo.

parte de uma identidade que agrega novos elementos paulatinamente. A coesão tão almejada reverberou nas páginas de *Voz Cosmopolita* como podemos ver no trecho abaixo, extraído de um artigo sem autoria de fevereiro de 1922:

Uma analyse ponderada e reflexiva, alliada a uma experiência assaz amadurecida levou-nos á convicção absoluta de que urge a cooperação de todos os elementos para uma convergência mais real e positiva. Os gestos isolados, ainda que nobres, empregados até hoje no sentido de melhorar as condições de vida dos que soffrem as consequencias do desequilibrio economico e social, são a maior prova, pelo seu quase sempre infructifero resultado, das conclusões a que chegamos. A falta de methodo de organização societaria, a isenção de moralidade da applicação das energias e finalmente a ignorância em que muitos se encontram ainda, acerca dos fins das associações de classe contemporâneas, constituem evidentemente as razões do que vimos affirmando [sic] (1922:1).

Se nos concentrássemos apenas no anseio de unidade do movimento operário, entendendo isso como parte de um processo de amadurecimento identitário, ou ainda, como um elemento capaz de incitar o reconhecimento enquanto classe nos próprios trabalhadores engajados neste movimento; deixaríamos de lado questões importantes para o entendimento das relações entre anarquistas e comunistas. As divergências ideológicas entre essas duas tendências vão se tornando mais complexas e aparentes e a partir de 1920 e as disputas políticas se traduzem em críticas ferozes às formas de ação reivindicatória alheias.

Tanto *Voz Cosmopolita* quanto *A Plebe* trazem marcas desses conflitos. Encontramos em *Voz Cosmopolita* referências ácratas tão claras e acomodadas à política do sindicato paralelas a críticas aos anarquistas e defesa feroz do socialismo o que, não fosse o contexto analisado, poderia nos parecer contraditório. Apresentamos abaixo dois trechos extraídos de artigos do ano de 1922 do jornal *Voz Cosmopolita* que assinalam a existência desses conflitos ideológicos, paralelo ao fato de que o jornal passa a ser visto também como espaço de embate de idéias, onde os pensamentos contrários devem ser levantados pelos militantes e discutidos. O primeiro trecho segue da seguinte forma:

Por uma direção habil e enérgica, é possível realizar ainda essa Anarchia que tanto assusta as gentes. Falamos, não da Anarchia que recorre ás bombas de dynamite, mas sim da Anarchia que tem por fim diluir a auctoridade em livres instituições. A actual revolução política não tem feito, senão ir cerceando a

autoridade, para que os indivíduos e os povos sejam cada vez mais livres. A Anarchia racional não é mais, realmente, do que a ultima consequencia dos prinípios sobre os quaes se baseia a nossa conduta – principios assentes primeiro pela democracia da America do Norte e depois pela Revolução Francesa. (REZENDE, 1922:2).

Como podemos constatar, com base no trecho aqui transposto, o racionalismo moderno presente no pensamento libertário parecia ser bem aceito pelo grupo editorial de *Voz Cosmopolita*; entretanto, não é difícil encontrar outros artigos em que as críticas aos anarquistas se fazem presentes e se manifestam, na maior parte das vezes, sob a forma de acusações denunciando que os anarquistas acabam se unindo à burguesia no combate ao governo comunista originário da Revolução Russa de 1917. Tal fato corrobora a conclusão de que o jornal era visto pelos próprios militantes como veículo de embate de idéias, como espaço de discussão e tomada de posição. Segue abaixo um desses trechos de que mencionamos:

Agora um breve conselho amigável aos nossos tremebundos anarchistas, [...] façam um severo exame de consciência e reparem bem no character contra-revolucionário que sua campanha cega, injusta, grosseira, vai assumindo. Empreguem melhor as columnas de seus periódicos em combater a burguezia, inimiga commum, e não em ajudar a burguezia a combater o governo proletário russo, baluarte da revolução mundial. Cavou-se entre nós, profundo fosso doutrinário e ideológico? Muito bem. Discutamos, debatamos, confrontemos, aos olhos da massa proletária, nossas divergências de ponto de vista. [...] Os trabalhadores saberão apoiar aquelles que melhor interpretem e defendam suas aspirações de liberdade e bem estar! Mas, sobretudo, desarmem o ódio feroz contra os communistas, ódio que os irmmans, queiram ou não, á burguezia reaccionaria (PEREIRA, 1922:1-2).

O que podemos assinalar nesse momento é que aos poucos os artigos de apoio ou aceitação das práticas anarquistas se tornam escassos. Em contrapartida, de 1923 em diante, há o aumento substancial de citações de Marx e Lênin, além das notas de divulgação do periódico *A Classe Operária*, órgão oficial do Partido Comunista do Brasil. Tal evidência nos permite assegurar que, através de discussões acaloradas, conflitos e parcerias entre anarquistas e comunistas, o grupo de militantes filiados ao Sindicato dos Trabalhadores Hotéis, Bares e Restaurantes do Rio de Janeiro, incorpora à sua identidade ideológica o marxismo-leninismo do Partido Comunista do Brasil; o que não significa o desaparecimento por completo de notas e textos anarquistas, mas sim uma diminuição substancial da presença destes.

O mesmo não ocorre com *A Plebe*, após poucos meses de silêncio, o periódico retoma suas atividades normalmente, diminuindo apenas sua circulação em determinados momentos unicamente por problemas financeiros. Mesmo com divergências ideológicas, notadamente acentuadas a partir de 1920, tanto Astrojildo Pereira quanto Octávio Brandão continuam tendo seus textos publicados em *A Plebe*. Pereira conta, inclusive, com uma coluna dentro do jornal, presente em praticamente todos os números que circulam, ou seja, a participação dos socialistas não diminui dentro do periódico anarquista, pelo contrário inúmeros artigos relatam as conquistas da Revolução Russa e a situação da União Soviética.

A união entre as tendências políticas também é lembrada. Em pequena epígrafe de Octávio Brandão em *A Plebe* se lê o seguinte: “Hoje o menor ideal, para ser realizado, requer sacrifícios imensos – o que poderia ser atenuado se houvesse o auxílio mútuo” (BRANDÃO, 1922: 3). Algumas questões continuavam sendo “universais” dentro do movimento operário tais como: a exploração dos trabalhadores pelo sistema capitalista, a violência patronal, o descaso estatal, a unidade classista, etc., também em decorrência disso a participação de socialistas em jornais anarquistas se mantém. Em 1921, ano em que os conflitos entre anarquistas e comunistas cresceram, há um pequeno comentário de Octávio Brandão em *A Plebe* reprovando a atitude de certos militantes que não lêem obras anarquistas o que demonstra que a participação de comunistas nos jornais anarquistas não parou nem mesmo nos momentos de maior conflito. (BRANDÃO, 1921:2).

As divergências entre comunistas e anarquistas, de fato geraram cismas, divisões e conflitos; todavia a imprensa era vista por esses organismos operários como órgão responsável não só pela informação, como também pela educação dos militantes; em função disso, as lideranças operárias e os próprios indivíduos engajados na organização compreendiam que o debate, a autocrítica, as alianças e conflitos faziam parte do seu crescimento político seja qual fosse a matriz ideológica. Cada novo periódico operário que emergia no cenário nacional, se traduzia na visão desses militantes numa nova luz, num facho de esperança, em mais um foco de disseminação de suas idéias e, sobretudo, na ampliação de suas conquistas. Também por estas razões compreender o funcionamento da imprensa operária é, em parte, atingir ponto nevrálgico nos estudos referentes às relações estabelecidas nos mundos do trabalho

Referências bibliográficas

BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano*. Rio de Janeiro: vol.1. Civilização Brasileira, 2003.

_____. Identidades da Classe Operária no Brasil (1880-1920): Atipicidade ou Legitimidade? *Revista Brasileira de História*, São Paulo: vol.12, nº 23/24, ago./set. 1992.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARONE, Edgard. *Socialismo e anarquismo no início do século*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Teoria da História e reabilitação da oralidade: convergência de um processo. In; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DÍAZ, Carlos. *Las teorías anarquistas*. Madrid: Editorial Zero, 1976.

FERREIRA, Maria Nazareth Ferreira. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.

KHOURY, Yara Maria Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária; imprensa, memória e militância anarco-sindicalistas*. São Paulo: USP, 1988 (Tese de doutorado em Sociologia).

KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

_____. *As idéias socialistas no Brasil*. São Paulo: Moderna, 1995.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: HUCITEC, 1986.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã e Feuerbach: a contradição entre as cosmologias materialista e idealista*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MORAES, Dênis de. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

PEREIRA, Astrojildo. *Ensaios históricos e políticos*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da Ilusão: a revolução mundial e o Brasil (1922-1935)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

PROUDHON, Joseph Pierre. *El Estado*. Buenos Aires: Tor, 1930.

VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

Jornais:

A *PLEBE*. São Paulo, nº 1 a 245, 1916 a 1918.

VOZ COSMOPOLITA. Rio de Janeiro. Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e classes congêneres, nº 1 a 95, 1922 a 1926.